

TEMA: A SELEÇÃO DO MODO INDICATIVO OU CONJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Moctar BALDE

*Docteur en Linguistique et Sciences du Langage
Université Cheikh Anta DIOP de Dakar/UCAD
balde.moctar@yahoo.fr*

Résumé :

Cet article tente de répondre aux questions de savoir quels sont les facteurs responsables de la sélection du mode indicatif ou subjonctif dans les propositions subordonnées, les contextes dans lesquels chaque mode apparaît et, enfin, les différences entre le portugais européen et le portugais brésilien dans la sélection d'un mode dans ces propositions dites subordonnées. En fait, le travail a un objectif scientifique et pédagogique, car il contribuera à l'enseignement-apprentissage du portugais langue étrangère dans l'exploitation des textes, en particulier dans l'enseignement de la grammaire portugaise.

Mots-clés : Mode; Indicatif; Subjonctif; Assertion; Grammaire

Resumo:

Esse artigo tenta responder as perguntas quais são os fatores responsáveis pela seleção de modo indicativo e conjuntivo nas orações subordinadas, os contextos de aparecimento de cada modo e no fim as diferenças entre o português europeu e aquele do Brasil na seleção de um modo nessas orações ditas subordinadas. Com efeito, o trabalho tem um objetivo científico e pedagógico, porque ele contribuirá ao ensino-aprendizagem do português língua estrangeira na exploração dos textos, particularmente no ensino da gramática portuguesa.

Palavras-chaves: Modo; Indicativo; Conjuntivo; Asserção; Gramática.

Abstract:

This article attempts to answer the questions: what are the factors responsible for the selection of indicative and conjunctive modes in subordinate clauses, the contexts in which each mode appears, and finally, the differences between European Portuguese and Brazilian Portuguese in the selection of a mode in these subordinate clauses. In fact, this work has a scientific and pedagogical objective, because it will contribute to the teaching and learning of Portuguese as a foreign language in the exploration of texts, particularly in the teaching of Portuguese grammar.

Keywords: *Mode; Indicative; Subjunctive; Assertion; Grammar*

Introdução

O tempo e o modo são dois elementos estreitamente ligados. O tempo serve para localizar as situações (eventos ou estados) expressas em frases e textos de línguas naturais. Habitualmente, essa localização é feita através dos tempos verbais, mas também pode ser expressa por grupos adverbiais ou preposicionais, orações temporais, etc. Essa localização pode ser expressa de várias formas, tais como advérbios de tempo, construções temporais, embora a forma mais comum seja a dos tempos verbais (cf. Oliveira, 2003)

Com efeito, O modo é uma marca de modalidade. A modalidade “é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (Oliveira, 2003). Ferdinand Brunot (1962) define os modos nestes termos : « La modalité exprime le jugement, le sentiment, la façon de voir les choses ». Quanto a A. Souché (1966) disse que « *L’indicatif* constate, énonce ce qui est, a été, ou sera ; *le subjunctif*, lui marque une action soumise au sentiment, à la volonté, il ne s’agit plus d’une action réalisée, mais d’une action qu’envisage l’esprit ».

Várias teorias interessaram-se aos estudos dos tempos e dos modos. Entre esses últimos temos a teoria de Reichenbach

(1947) sobre a análise do tempo que se fundamenta em três pontos que são o Ponto da Fala (F), o Ponto de Evento (E) e o Ponto de Referência (R). Há também a Teoria de Representação Discursiva (DRT) de Kamp e Reyle (1993), essa última fundamenta-se na semântica e na lógica. Ela defende que o tempo pode ser estudado não somente em frases isoladas, mas também em sequências de frases ou no discurso.

Assim, o objetivo fundamental deste trabalho é de responder as perguntas, quais são os fatores responsáveis pela seleção de modo indicativo e conjuntivo nas orações subordinadas, os contextos de aparecimento de cada modo no português europeu e brasileiro. Para atingir esse objetivo, optamos pelo procedimento da análise componencial com várias abordagens. Essa análise isola os componentes de uma língua para conhecer os seus diferentes valores em diferentes contextos e situações.

No entanto, muitos linguistas tentaram propor uma solução a essa pergunta, mas nenhuma resposta parece ser ainda clara e nenhuma deu uma regra fixa que leva a seleção do modo. Com efeito, para contribuir a essas pesquisas, tentamos orientar o nosso trabalho nos quatro pontos principais que são: os laços e contextos de aparição dos modos indicativo e o conjuntivo; a relação que existe entre o modo e a asserção dos enunciados; a relação entre modo e o grau de crença e no fim a variação da distribuição do indicativo e do conjuntivo.

A metodologia desse trabalho baseia-se essencialmente na interpretação das frases simples extraídas de manuais escolares, teses de doutoramento e artigos

1. Laços e contextos de aparição dos modos indicativo e o conjuntivo

Do ponto de vista formal, os tempos dos modos indicativo e conjuntivo são estreitamente ligados. Os tempos verbais do conjuntivo quer sejam o presente, imperfeito e futuro do

conjuntivo, formam-se a partir dos tempos simples do indicativo. Assim, o presente do conjuntivo forma-se a partir do presente do indicativo na primeira pessoa do singular e os imperfeito e futuro do conjuntivo formam-se a partir do pretérito perfeito simples do indicativo, na terceira pessoa do plural.

Tabela 1: O presente do conjuntivo

PRESENTE DO CONJUNTIVO		
Falar	Fazer	Despir
Falo	Faço	Dispo
Fale	Faça	Dispa
Fales	Faças	Dispas
Fale	Faça	Dispa
Falemos	Façamos	Dispamos
Falem	Façam	Dispam

Tabela 2: o imperfeito do conjuntivo

IMPERFEITO DO CONJUNTIVO		
Falar	fazer	despir
Falaram	beberam	Despiram
Falasse	Bebesse	Despisse
Falasses	Bebesses	Despisses
Falasse	Bebesse	Despisse
Falássemos	Bebêssemos	Despíssemos
Falassem	Bebessem	Despissem

Tabela 3: o futuro do conjuntivo

FUTURO DO CONJUNTIVO		
Estar	Ser	Vir
Estiver am	For am	Vier am
Estiver	For	Vier

Estiver es	Fo res	Vier es
Estiver	For	Vier
Estiver mos	Form os	Vier mos
Estiver em	Fore m	Vier em

Os dois modos aparecem em todos os contextos, o modo indicativo é considerado como o preferencial das frases simples, a maior parte das coordenadas e ainda é o modo da frase matriz em muitas frases complexas Oliveira (2012).

1. a- O João fala francês
b- O João comeu a carne
c- O professor **exigiu** que os alunos lessem o livro

O conjuntivo embora possa surgir em alguns tipos de frases simples e também de coordenadas, comparece sobretudo em construções subordinadas (uso obrigatório ou opcional). Casos em que o conjuntivo aparece em frases simples, Faria (1974) defende que não são frases simples, pois nestes casos há um apagamento da frase matriz.

- (2) a- Venha mais cinco!
b- Talvez venha mais cinco.
c- O professor faz talvez prova hoje.

Nas frases simples, o conjuntivo é substituído pelo imperativo (2a); em (2b) e (2c) é a posição do advérbio talvez que determina o modo, antes do verbo é conjuntivo depois do verbo é o modo indicativo. No entanto, o conjuntivo pode aparecer em frases coordenadas e também é possível encontrá-lo em frases matrizes cf. (3).

- (3) a- Quer queiras quer não, vou para Kolda.
b- Diga-lhe o que quero e estarei contente.
c- Faça ele o que peço ficarei feliz.

É preciso notar que os dois modos surgem em todos os contextos e ambos podem aparecer nas orações subordinadas. Um elemento está em favor da ideia de que a semântica é a área da gramática responsável pela seleção do modo cf. exemplo 3.

- (4) a- O turista procura a casa que fica perto da praia.
 b- O turista procura uma casa que fique perto da praia.
 c- Ele quer um livro que fale desse assunto.
 d- Ele quer um livro que fala desse assunto.

As duas primeiras frases são quase idênticas; a diferença é a presença do artigo definido em (4a) que ocasiona a seleção do modo indicativo. Em (4b) a seleção do modo conjuntivo é causada pela presença do artigo indefinido. A interpretação semântica que podemos fazer destas duas frases é em (3a) a casa existe, pode ser que o turista se perdeu e em (4b) o turista está a procura qualquer casa o mais importante é que a casa fica perto da praia. Assim, ele pode ou não encontrar uma.

As frases (4c) e (4d) são sintaticamente idênticas, a diferença é a presença do conjuntivo na frase (4c) e do indicativo em (4d), mas isso não nos permite dar a mesma interpretação a essas duas frases. De facto, apenas a frase (4d) permite interpretar que o livro em questão existe. A partir desses exemplos dados em (4) nota-se que existe uma relação entre a seleção de modo e as interpretações que podemos fazer das frases.

Com efeito, quais são os outros fatores que permitem a seleção dos modos nas orações subordinadas?

2. Distribuição do indicativo e do conjuntivo, hipótese de asserção e não asserção, segundo as gramáticas tradicionais

A discussão sobre o uso do modo tem-se centrado na tentativa de identificação de seus próprios valores. As gramáticas tradicionais defendem que a seleção do modo tem a ver com a

asserção do seu enunciado. Assim, para elas, o conjuntivo é selecionado em enunciados não assertivos e o indicativo é reservado para a asserção.

Farka (1992) assume que o indicativo é selecionado para os casos em que a proposição é tida como verdadeira por algumas entidades; Giannakidou (1994), baseando-se sobre em dados do grego moderno, defende que o conjuntivo é selecionado pelos operadores não-verídicos. Explicaremos mais as ideias desses dois autores nos pontos seguintes.

- (5) a- Sei que a Ana arranhou um emprego
b- A Maria quer que o marido chegue cedo em casa.
c- Aliou sabe que Khady tem dinheiro
d- Aliou não pensa que Khady tenha dinheiro

Em 5a e 5c os autores têm a certeza das suas afirmações; mas em 5b o autor expressa o seu desejo de ver o marido chegar cedo e em 5d Aliou está a duvidar sobre uma eventual posse de dinheiro de khady.

No seu artigo, Marques (2001b) apresenta-nos duas classes semânticas de verbos de acordo com a seleção do modo. Assim, o indicativo é selecionado por verbos declarativos (como *dizer afirmar, declarar*, etc.), epistémicos que expressam crença positiva, verbos de ficção, verbos compromissivos, alguns verbos factivos e ainda por nomes e adjetivos. Quanto ao conjuntivo, ele é selecionado por verbos desiderativos, (como *esperar, querer*, etc.), verbos declarativos negativos, (como *negar*) verbos causativos e causativos negativos, (como *causar, bastar, evitar, impedir*, etc.), verbos epistémicos que não expressam crença positiva (*duvidar, não acreditar*), e também nomes (como *dúvida, aceitação, medo, pena...*) e adjetivos

(*bom, desejoso, farto,...*). Vejam-se alguns exemplos ilustrativos, com seleção do modo indicativo e conjuntivo respetivamente:

- (6) a. Afirmo que a Ana estuda.
- b. Duvido que ela estude

No entanto, há verbos que aceitam ambos os modos na oração completiva.

- (7) a. Procuro o livro que fala do 25 de Abril.
- b. Procuro um livro que fale do 25 de Abril

E também como explicar a seleção do indicativo por verbos como *imaginar e supor* (que não expressam asserção), na oração completiva.

- (8) a. A Air Algérie supõe que era o alvo do atentado.
- b. Imaginemos que hoje é domingo.

Embora vários autores reconheçam um fundo de verdade na análise do modo, questionam-se também sobre o conceito semântico subjacente aos termos de asserção não asserção. Assim, segundo as gramáticas tradicionais, o indicativo é o modo dos acontecimentos e o conjuntivo é modo das ideias, ordem e dos desejos. Esta generalização tem problemas, pois não permite explicar o grupo de verbos que selecionam os dois modos. Ao apoiar-se na semântica e na pragmática, autores como Rui Marques, Solano-Aray e outros apresentam os fatores responsáveis pela distribuição dos modos indicativo e conjuntivo.

3. Processo de distinção dos modos indicativo e conjuntivo, hipótese dos graus de crença

O indicativo é sempre visto como o modo selecionado para os atos de fala assertivos e o conjuntivo é selecionado nos contextos que indicam ordem, dúvida, desejo, concessão, sentimento.

No entanto se o indicativo é o modo da verdade, dos acontecimentos, então será que as frases interrogativas são frases que exprimem certeza? Senão como explicar o indicativo nessas frases?

- (9) a. Quando é que vais ao jardim Zoológico?
- b. Não sei se sentirá saudades

Também será que *sonhar*, *imaginar* exprimem a certeza? Ou será que estes verbos têm uma significação assertiva?

- (10) a. Imaginas que as meninas estarão na praia na próxima fim semana.
- b. Pensamos que os resultados são positivos.

É nessa perspetiva que autores como Solano-Aray (1982), Palmer (1986) e Bell (1990) defendem que a seleção do indicativo ou do conjuntivo é associada ao grau de crença que se manifesta em relação à verdade da proposição. Um grau forte de crença levaria à seleção do indicativo e o conjuntivo indicaria que o grau de certeza é muito fraco. Em outras palavras podemos dizer que a simples ideia de um facto ser imaginado ou interpretado pelo espírito motiva o uso do conjuntivo.

- (11) a. Sei que a Maria está na sua casa.
- b. Gosto muito que venhas à reunião de amanhã.

A ideia desses autores fundamenta-se no facto de certos verbos selecionarem o indicativo em frases afirmativas e o conjuntivo em frases negativas. Encontramos essa ideia nas gramáticas tradicionais portuguesas e francesa. Para o Português a seleção do modo indicativo ou conjuntivo depende do valor de verdade atribuído à oração. E nesse caso associa o indicativo à expressão de certeza e de realidade e o conjuntivo à de incerteza, dúvida, eventualidade ou irreabilidade. Nas gramáticas francesas, também se associa o conjuntivo ao conceito de virtualidade.

- (12) a. Acredito que a Maria está em casa
b. Não acredito que a Maria esteja em casa

Aqui também estamos perante um problema que é o de como explicar a seleção do indicativo nas frases completivas com verbos como *sonhar*, *imaginar*, etc., ou ainda como justificar a seleção do conjuntivo nas orações que descrevem um facto real como as selecionadas por verbos factivos como *lamentar* e em completivas selecionada por um nome onde temos o presente do indicativo na oração matriz e o conjuntivo na oração completiva.

- (13) a. Lamento que ele tenha chegado atrasado.
b. É pena que isso tenha acontecido.

Esta hipótese não resolve também todos os problemas levantados pelo modo.

Farkas (1992) a partir de dados do Romeno propõe uma outra alternativa. Defende que a seleção do indicativo por verbos como *sonhar* e *imaginar* encontra-se na distinção entre os verbos de *ancoragem intencional* e verbos de *ancoragem extensional*. Para Farkas os verbos de ancoragem intencional introduzem um conjunto de mundos possíveis relativamente aos quais o seu complemento é interpretado. Enquanto com os verbos de ancoragem extensional, o complemento é ancorado

num único mundo possível, que pode ser o mundo real, como acontece com verbos como *saber*, *imaginar* ou *sonhar*. Estes verbos indicam que a sua proposição complemento é tido como verdadeira por uma entidade que é o sujeito da frase matriz. Embora essa crença seja relativizada ao mundo possível que introduzem e que é diferente do mundo real.

- (14) a. O João sabe onde se encontra o livro.
b. A Maria imagina que o seu marido já chegou ao Senegal.

A proposta de Farkas seria que o indicativo é selecionado pelos verbos de ancoragem extensional e o conjuntivo pelos verbos de ancoragem intencional. Em outras palavras os verbos que indicam crença na verdade da proposição complemento selecionam o indicativo embora essa crença seja relativizada a um mundo possível diferente do mundo real. Esta proposta de Farkas feita no Romeno e no Húngaro pode também aplicar-se no Grego Moderno segundo Gannakidou (1994).

Mas essa proposta não pode também explicar a seleção do modo conjuntivo nos contextos em que a verdade da proposição é assumida.

- (15) a. Embora o tempo esteja bom fico em casa.
b. Proíbo-te que me fales com esses modos.

Assim Marques (2001b) faz uma proposta alternativa em que não são relacionadas a seleção do modo com o tipo de ato de fala nem com a verdade da proposição.

A ideia fundamental dessa proposta é que o modo é uma expressão de modalidade, entendida como a atitude de um indivíduo para com uma proposição. Marques defende que o locutor se focaliza no sentido e na modalidade do verbo da frase matriz para selecionar o modo da completiva. Nesse caso todos

os verbos que seleccionam o conjuntivo nas suas completivas são associados a vários tipos de modalidade como *deôntica*, *herotética*, *epistémica*, *avaliativa*, *doxástica*. Quanto aos verbos que seleccionam o indicativo, são todos de modalidade epistémica. Quer dizer que esses verbos têm valores de conhecimento ou de crença mesmo se há diferenças entre esses verbos. O locutor da oração expressa um julgamento cujo ele sabe a certeza ou a incerteza. É nesse sentido que Moreira & Pimenta explicaram a modalidade epistémica ‘é a que exprime a atitude do enunciador que emite um juízo de quem sabe ou crê na verdade ou na falsidade o conteúdo proposicional do seu enunciado’ (p. 252).

Os verbos como *imaginar* ou *sonhar* são verbos de ficção e não assertivos, mas é o sujeito da frase matriz que aceita a verdade da oração completiva, embora a crença seja relativizada a um mundo possível diferente do mundo real.

Por seu turno, o sujeito dos verbos declarativos, (*dizer*, *confessar...*) acredita na verdade do que diz na sua proposição complemento. E no fim o sujeito de verbos compromissivos como *prometer* ou *ameaçar* compromete-se com a realização de um estado de coisas descrito pela oração complemento de facto que estes verbos indicam um compromisso da realização da proposição.

O indicativo é considerado como o modo da verdade. Os verbos que o seleccionam expressam todos uma ideia de certeza nas suas orações complementos e são também da modalidade epistémica. Temos três grupos de verbos epistémicos que são: os que seleccionam o indicativo, o conjuntivo e aqueles que têm possibilidade de seleccionar ambos os modos.

Os verbos epistémicos que seleccionam o indicativo expressam uma atitude de crença na verdade da proposição complemento.

- (16) a. Concluímos que há aula amanhã.
b. O estudante reconhece que a culpa é dele

Os que têm o conjuntivo nas suas orações complemento (como *duvidar*, *negar*) expressam uma atitude de dúvida sobre a verdade da oração complemento.

- (17) a. Ela nega que o anel seja verdadeiro.
b. Duvido que a professora esteja ausente.

Quanto aos outros, quer dizer os polivalentes (como *acreditar*) selecionam um dos dois modos segundo o grau da crença que se encontra na oração complemento. Se há um forte grau de crença selecionam o indicativo, no caso contrário selecionam o conjuntivo.

- (18) a. Pensamos que os resultados são positivos.
b. Com esse trabalho não penso que o resultado seja positivo.

Os verbos factivos, *lamentar* e *surpreender* são quase idênticos aos verbos epistêmicos. Indicam que a frase complemento é verdadeira, mas não expressam uma atitude epistêmica. E isto está na origem da seleção do modo conjuntivo na oração complemento. Com efeito esses verbos são associados a valores de modalidade avaliativa porque indicam uma reação mental a um estado de coisas que não expressam diretamente o conhecimento desse estado de coisas. No entanto, esse conhecimento é de algum modo pressuposto, pelo que esses verbos se situam num plano supra-epistêmico.

- (19) a. Lamentamos que vocês não possam ficar mais tempo connosco.
b. Estou surpreso que a minha mulher esteja tão gorda num intervalo de dois anos.

4. Variação da distribuição do indicativo e do conjuntivo

A distribuição do indicativo e do conjuntivo em português é

semelhante nas outras línguas românicas. No grupo das línguas como Português, Francês, Castelhana, Catalão e Italiano, só os verbos factivos epistémicos, como *saber*, *ignorar* ou *descobrir* seleccionam o indicativo. Os verbos factivos associados à modalidade avaliativa seleccionam o conjuntivo. Quanto às línguas como o Grego moderno e o Húngaro, todos os verbos factivos seleccionam o indicativo.

Podemos dizer que no primeiro grupo, (grupo em que se inclui a língua portuguesa) a seleção do indicativo é assumida num primeiro lugar, pela aceitação da verdade da frase e também a expressão de uma atitude epistémica para com a proposição. Quanto ao segundo grupo, a seleção do indicativo é associada à verdade da frase.

Marques (2001b), ilustra essa ideia ao comparar as duas variedades do Português (PE e PB). Como o Romeno, PB tem a tendência de seleccionar o modo indicativo se há verdade na frase. Por exemplo, num contexto de modalidade avaliativa onde na frase matriz temos um nome com um verbo no presente do indicativo, o PB selecciona o indicativo contrariamente ao PE que usa obrigatoriamente o conjuntivo.

- (20) a. Bom que já está durando quase dois anos. PB
b. É bom que já dure quase dois anos. PE

Também com verbos como *supor*, que não expressam asserção, o PB selecciona o conjuntivo se a sua proposição complemento não for tido como verdadeira no mundo real.

- (21) a. É um caso isolado, mas suponha que se torne regra
b. É um caso isolado, mas suponha que se torna regra.

Depois da nossa análise, podemos dizer que a distinção entre o modo indicativo e o modo conjuntivo não é fácil. A falta de correspondência unívoca entre os dois modos e as distinções modais; o facto de ver ocorrer cada um dos dois modos em

contextos diferentes da sua definição, dificultam a distinção dos diferentes contextos em que aparecem.

Resultados e discussão

O resultado da nossa pesquisa permitiu-nos constatar que os modos indicativo e conjuntivo são estreitamente ligados e as suas escolhas nas orações subordinadas é muito complexa. Cada hipótese enfrenta sempre problemas isso significa que não há consenso entre os linguistas. Assim, o nosso trabalho é uma contribuição nos trabalhos já realizados no domínio da seleção do modo nas orações subordinadas. O que enfraquece os resultados são as contradições.

A semântica desempenha um papel importante na seleção do modo; e o indicativo é frequente nas frases simples e é a frase matriz na maior parte das frases complexas. Nas frases simples o conjuntivo é substituído pelo imperativo. É preciso notar que os dois modos surgem em todos os contextos e ambos podem aparecer nas orações subordinadas. No entanto, é preciso notar que há diferenças entre o português europeu e o de brasil na seleção do modo indicativo ou modo conjuntivo nas orações subordinadas.

Conclusão

Neste trabalho tentou-se mostrar as diferentes hipóteses de seleção dos modos. Assim, notamos que a distribuição dos modos indicativo e conjuntivo nas orações subordinadas é muito complexa. Todas as propostas feitas pelos diferentes autores, enfrentam sempre problemas ditos ao facto que não há uma regra que precisa de maneira unívoca contextos em que surge cada um dos dois modos.

Mas notamos que a hipótese defendida por Marques, que é de relacionar a seleção do modo em orações subordinadas com a

atitude expressa pelo verbo da frase matriz, constituiu um grande passo e permitiu esclarecer muitas noções deixadas sem respostas pelas gramáticas tradicionais. Os resultados obtidos permitiram mostrar que, do ponto vista formal, todos os tempos do conjuntivo são formados a partir dos do modo indicativo; e também verificar os laços que existem entre a seleção do indicativo e a expressão da certeza pelo autor na frase matriz.

Bibliografia

BELL Anthony. 1990. “El modo en español: consideración de algunas propuestas recientes”, in Ignacio Bosque (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, Taurus Universitaria.

Ducrot Oswald et Todorov Tzvetan, 2007. ‘Dicionário das Ciências da Linguagem’, ed. Dom Quixote

Faria, I. Hub, 1974. O Conjuntivo e a Restrição da Frase mais Alta, *Buletin de Filologia*, XXIII: 81-188.

Farkas F. Donka, 1992. On the semantic of subjunctive complements, in P. Hirschbühler and K. Koerner (orgs.), *Romance Languages and Modern Linguistic Theory*, John Benjamins, pp. 71- 104.

Giannakidou Anastasia, 1994. “The semantic licencing of NPIs and the Modern Greck subjunctive”, in *Language and Cognition* 4, yearbook of the Research Group For Theoretical and Experimental Linguistics, University of Groningen

Marques, Rui Ribeiro, 1997. “Sobre a selecção de modo em orações completivas”, *Actas do 12 Encontro Nacional da A*

Marques Rui Ribeiro, 2001. “O modo em condicionais contrafactuais e hipotéticas”, *Actas do 16 Encontro Nacional da associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 325-335

Marques, Rui Ribeiro, 2001. “Sobre a Distribuição do Modo em PE e em PB”, *Actas do 16 Encontro Nacional da associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 681-698

Moreira, Vasco et Pimena Hilário, 2012. ‘Gramática de Português, 3.º Ciclo do Ensino Básico/Ensino Secundário’, Porto Editora

Oliveira Fatima, 2003. “Modalidade e Modo” in *Mateus, Maria Helena Mira et al Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho. pp. 245-27

Oliveira Fatima, 2012. *Semântica dos Modos em Português Europeu*, FLUP.

Palmer Frank Robert, 1986. *Mood and Modality*, Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge.

Roberte Tomassone et Petiot Geneviève, 2002. ‘Pour enseigner la grammaire II Textes et Pratiques’, Paris, Delagrave

SOLANO-ARAYA José Miguel, 1982. *Modality in Spanish: An Account of Mood*, PhD diss, University of Kansas

Souché Aimé et Grunenwald Joseph, 1966. *Grammaire Française: la grammaire, la pensée et le style*, Paris, Nathan